

PLANEJAMENTO DA CONFERÊNCIA AUTOGESTIONADA

Por John Croft

Última atualização: 30 de Julho de 2008.

Tradução: Dionízio Bueno (Abril de 2012).

Título original: FACT SHEET NUMBER #20 SELF MANAGED CONFERENCE DESIGN

RESUMO: As metodologias *World Café* e *Open Space* oferecem novas formas de organizar conferências altamente produtivas. O Centro para Educação Continuada da Universidade Nacional da Austrália, com o desenvolvimento do método Search Conference, criou maneiras inovadoras de integrar diferentes abordagens. Para maximizar o aprendizado comunitário, precisamos ser mais criativos.



Esta versão e a obra original de John Croft estão licenciados sob uma licença [Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/). Permissões além do escopo desta licença podem ser solicitadas a jdcroft@yahoo.com.

Sumário

INTRODUÇÃO	1
A ABORDAGEM DA AUTOGESTÃO	1
CONCLUSÃO: PARA ONDE IR A PARTIR DAQUI?.....	3

INTRODUÇÃO

Em 1982, numa conferência sobre Educação Não Formal organizada pelo Departamento de Educação do Governo de Papua Nova Guiné na cidade de Ukarumpa, região leste do país, encontrei Alan Davies, do Centro para Educação Continuada da Universidade Nacional da Austrália – Canberra (UNA). Tornei a encontrá-lo no final de 1983 quando voltei a essa Universidade para dar aulas pelo programa da Fundação Kellogg em apoio ao desenvolvimento da Educação Não Formal, com participantes de mais de dez países asiáticos da região do Pacífico.

Através do trabalho de Fred Emery, a UNA teve grande importância no desenvolvimento do método *Search Conference*. Trata-se de um método inovador de planejamento de encontros, que eu usei em uma conferência sobre Educação Comunitária Alternativa, em 1979, para professores em treinamento do então Colégio Churchlands de Educação Avançada, atual Universidade Edith Cowan – Perth (Austrália Ocidental), e também em 1983 no Plano Provincial de Southern Highlands, Papua Nova Guiné, em seu segundo plano quinquenal.

Alan criou a abordagem chamada *Self Management Conference Design* (Planejamento para Autogestão de Conferências), que de certa forma antecipou a tecnologia *Open Space* (Espaço Aberto), desenvolvida mais tarde pelo estadunidense Harland Owen. Assim como o *Open Space*, ela foi criada para minimizar o estresse dos organizadores da conferência, maximizar as oportunidades de atuação dos participantes e ser um meio de capturar de maneira sinérgica a inteligência coletiva que surge quando um grupo de pessoas se encontra. Eu já usei a técnica em várias ocasiões. A mais recente, muito bem sucedida, foi na organização de sete encontros de fim de semana com o tema Construção de Comunidades, para a Fundação Gaia da Austrália Ocidental, nos quais vários grupos de 64 a 128 pessoas buscaram explorar a natureza da “autêntica comunidade”.

A ABORDAGEM DA AUTOGESTÃO

Para planejar uma conferência autogestionada, é importante que os participantes compreendam de antemão que não estão indo a uma maratona de palestras convencional, em que alguns “especialistas” apresentam trabalhos já preparados e todo o resto fica sentado, ouvindo passivamente e fazendo algumas perguntas educadas ao fim da apresentação, sendo que os anais da conferência chegarão alguns anos mais tarde para serem esquecidos na estante acumulando poeira. Uma conferência autogestionada envolve todos os

participantes em um processo ativo de aprender fazendo, desafiando cada um a sair da zona de conforto de sua experiência prévia. É um lugar em que as pessoas revelam novos conhecimentos através da colaboração ativa e com descobertas compartilhadas e assumem, ao serem partes ativas na organização e administração da conferência, o compromisso de minimizar os custos próprios e dos outros. Os registros da conferência ficam prontos sem demora e estarão disponíveis alguns dias ou semanas após o seu término, sendo que um acompanhamento contínuo e apropriado é parte importante de todo o processo. O método requer que as pessoas “pensem fora do quadrado”, e produz um aprendizado efetivo, confirmado por pesquisa de ponta.

Antes da conferência, os organizadores terão um bom trabalho para criar um ambiente que melhor favoreça o aprendizado. Dois tipos de espaços serão criados: um que permita interação em pequenos grupos e outro para grandes sessões plenárias, no qual o grupo completo fará seus encontros. Além disso deverão fornecer recursos para preparação e cópia dos relatórios das sessões de trabalho, de forma que os participantes possam recebê-los ao final de cada encontro.

Várias equipes de trabalho serão estabelecidas conforme os inscritos chegam.

- (a) **equipe financeira:** responsável pelas inscrições e pagamentos;
- (b) **equipe de acomodações:** cuida das necessidades individuais de acomodação;
- (c) **equipe de alimentação:** cuida da preparação das refeições, lavagem da louça e limpeza;
- (d) **equipe das crianças:** para cuidar delas, se for o caso;
- (e) **equipe de programação:** responsável por organizar as atividades, alocação de salas e solicitações dos palestrantes;
- (f) **equipe de registros:** garante a coleta, impressão, cópia e distribuição dos registros;
- (g) **equipe de celebração:** organiza a parte de entretenimento, o Jantar da Conferência, passeios e excursões e o encerramento do evento.

A cada participante que chega, pergunta-se a ele de qual equipe ele gostaria de fazer parte. A ideia é que a participação na organização é uma parte importante do aprendizado proposto.

Na primeira atividade, no início da conferência, os organizadores se apresentam e logo em seguida deixam claro que estão saindo dessa função. Dessa forma, a responsabilidade pela conferência, desse momento em diante, é jogada para os grupos formados para tomar decisões sobre suas respectivas áreas. Isso não quer dizer que os organizadores se eximem de toda a responsabilidade, mas apenas que eles são tão responsáveis quanto os outros, já que eles também farão parte das 6 ou 7 equipes mencionadas acima.

Para ajudar o trabalho das equipes, é interessante preparar de antemão sugestões de listas de tarefas para cada um dos grupos. Não serão listas completas, já que outras tarefas poderão aparecer ao longo da conferência.

Na Austrália Ocidental, incluímos alguns itens especiais à lista. Frequentemente colocamos, por exemplo, uma atividade matinal que inclui ioga ou meditação. A responsabilidade pela organização dessas atividades normalmente fica com a equipe de programação.

Nossa cultura tira mais da Terra do que dá a ela, esgotando recursos valiosos e escassos e excedendo a capacidade dos ecossistemas de lidarem com nossos resíduos. Para reverter essa mentalidade dominante, normalmente nós adicionamos também um componente com “Serviços para a Terra”, como parte importante da programação. Isso pode ter a forma de limpeza, jardinagem ou alguma outra ação concreta. A Fundação Gaia da Austrália Ocidental costuma fazer isso, e inclui a limpeza do local como uma parte importante da programação. Isso tem um duplo efeito: o local fica em melhores condições do que antes do evento, e dessa forma nossos anfitriões sempre terão prazer em receber os encontros da Fundação Gaia.

A ideia do *Open Space* parece bastante baseada em ideias anteriores de Ivan Illich, autor de “*Deschooling Society*”. Illich propõe uma *feira de trocas de conhecimentos*, em que os participantes, no início do encontro, fazem uma lista de cursos *oferecidos*, informando o conteúdo, métodos e atividades preparadas. Assim como no sistema LETS (*Local Exchange Trading System*), criado por Michael Linton e outros ao redor do mundo, os participantes também fazem uma lista de *pedidos*.

A equipe de programação tem a responsabilidade de organizar a sequência de atividades. Como tudo no *Dragon Dreaming*, é importante que a sequência siga a lógica do Sonhar, Planejar, Realizar e Celebrar.

Inicia-se a conferência com os tópicos relacionados ao “Estímulo da Intenção nas Relações”, que nos encorajam a “Olhar Diferente”. Esses tópicos devem abrir nosso pensamento, aumentar nossa consciência, gerar motivação e permitir que juntemos a informação necessária para a próxima fase do processo.

A segunda fase está relacionada com o “Limiar da Possibilidade em Contexto”, e nos encoraja a “Pensar Globalmente”. Estes tópicos dizem respeito a considerar alternativas, criar e planejar estratégias e testar as ideias em projetos piloto.

A terceira fase é a da “Ação Concreta com Compromisso”, e nos leva a “Agir Localmente”. É a fase da implementação dos nossos planos, de seu gerenciamento e administração e também dos sistemas avaliativos de monitoramento dos progressos.

Finalmente, a fase do “Resultado com Retorno em Satisfação” é o momento de “Ser Presente”, de olhar para as novas habilidades adquiridas e resultados para os indivíduos e também de exercitar o julgamento. A conferência deve encerrar com a celebração daquilo que foi conquistado, questionando como as coisas poderiam funcionar melhor e identificando que providências devem ser tomadas.

Para permitir que a conferência encontre e mantenha seu próprio senso de direção, é necessário um grande encontro onde são feitos anúncios divulgando as perspectivas novas e desafiadoras, e onde os participantes podem envolver-se na integridade de seu ser compartilhando dança, música e espírito assim como mente e inteligência. Envolver as pessoas dessa maneira, por inteiro, ajuda a maximizar a criatividade necessária para eventos desse tipo.

Ao mesmo tempo, as pessoas se comunicam melhor em pequenos grupos com não mais do que 12 ou 15 pessoas, onde todos têm chance ter suas demandas atendidas, contribuir e receber contribuições. É bastante recomendável que se inicie e encerre cada dia com um encontro geral de todos os participantes mas que o trabalho durante o encontro seja feito em grupos menores, maximizando a criatividade e as conexões entre pessoas. Como não é possível atender a todas as demandas de todas as pessoas ao mesmo tempo, é essencial maximizar as possibilidades de escolha e diversidade durante o encontro.

O evento como um todo segue o ciclo Sonhar, Planejar, Realizar e Celebrar, e da mesma maneira recomenda-se que a organização das atividades siga essa mesma natureza. As pessoas se juntam no início do trabalho para compartilhar seus sonhos para aquele dia, dividem-se em grupos menores para planejar e realizar o que foi decidido e então juntam-se novamente numa celebração no encerramento de cada dia.

CONCLUSÃO: PARA ONDE IR A PARTIR DAQUI?

Sistemas autogestionados, gerados a partir de si mesmos, são maneiras de usar nossas energias de forma a imitar a organização dos sistemas vivos. Sistemas mecânicos ou altamente hierarquizados têm se mostrado pouco efetivos no século XXI, e de fato representam uma parte considerável do problema que o mundo enfrenta atualmente. Devemos modelar nossas organizações sociais de acordo com os sistemas orgânicos vivos. Persistir no paradigma mecânico, hierárquico e controlado de cima para baixo deixará os organizadores da conferência estressados e exaustos, e os participantes com a sensação de que o melhor do programa são os intervalos e as pessoas que conheceram.

Para criar uma cultura genuinamente favorável à vida, precisamos de sistemas que:

- (a) construam um sentimento de comunidade;
- (b) sejam simples de desenvolver;
- (c) maximizem a criatividade;
- (d) sejam fundamentados na espontaneidade e na não-violência;
- (e) preservem o conhecimento;
- (f) envolvam o espírito.

Conferências autogestionadas são uma boa maneira de fazer com que novas ideias sejam rapidamente geradas e disseminadas para um grupo grande e poderoso. Permitem que pequenos grupos de pessoas dedicadas se espalhem pelo mundo e realmente façam diferença. São parte do arsenal de ferramentas necessário aos agentes da mudança do século XXI.

Mao Tse Tung teria dito que, se quisermos promover mudança permanente, nós temos que criar sistemas que façam as cinco seguintes coisas.

- Primeiro: precisamos tirar as pessoas de sua situação cotidiana e colocá-las em um novo lugar, que as torna abertas à possibilidade de mudança.
- Segundo: temos que dar-lhes a chance de examinar o passado e perceber os caminhos emergentes que estão se abrindo.
- Terceiro: precisamos envolvê-las como participantes em experiências emocionalmente poderosas, que possam ser compartilhadas em um grupo.
- Quarto: temos que permitir que elas pensem no futuro e decidam que mudanças irão realizar.
- Quinto: os quatro itens acima terão efeito apenas se existir um atencioso apoio e acompanhamento desses participantes no processo de retorno.

No planejamento da oficina ou conferência, é importante levar em consideração este último fator. Uma conferência é um ser com um espírito coletivo, um *Zeitgeist* (espírito do tempo) próprio. Esse espírito nasce das interações coletivas de seus participantes. Ele morrerá com a dispersão dos participantes para os lugares de onde vieram. É importante para os organizadores da conferência perceber que, como em qualquer morte, há um processo de luto, um sentimento de angústia ou perda que deve ser reconhecido na conclusão do evento.

A cada dia do encontro, como capturar toda a inteligência e sabedoria de modo que alguém que esteve ausente possa se beneficiar delas? Para isso é importante que a equipe de registros crie alguma forma de registrar a sessão de trabalho e garantir que isso seja compartilhado o mais rápido possível com todos os participantes.

Em situações de escassez de recursos, utilizamos um sistema simples de cópias, usando uma impressora rudimentar de serigrafia (como fizemos, por exemplo, nas oficinas de Tecnologia Alternativa, em Papua Nova Guiné). Um secretário a cada sessão anotou tudo que aconteceu, as folhas impressas foram montadas em livretos e várias cópias foram distribuídas.

Em melhores condições, dispondo de máquinas de escrever e copiadoras, as pessoas podem receber os registros antes do fim do evento. Nesta época de computadores, CDs e gravadores MP3, é possível produzir CDs com fotos, textos e gravações das apresentações em grandes quantidades.

Em pouco tempo, com os avanços do reconhecimento de voz, programas de computador serão capazes de gravar as falas e convertê-las em texto escrito. Até que esse dia chegue, é importante para as conferências autogestionadas que se pense em como capturar e disseminar as informações produzidas em cada sessão de trabalho.

Uma conferência dessa natureza demanda muito dinheiro, tempo, trabalho e organização logística. É importante pensar “que diferença esse evento realmente fará?”, não somente nas vidas dos homens e mulheres que vieram participar mas também no sistema vivo maior, no mundo de que fazemos parte.

Margaret Mead teria dito a seguinte frase:

“Nunca duvide, nem por um instante, de como um pequeno grupo de pessoas comprometidas e dedicadas pode mudar o mundo. Na verdade, é a única forma de fazê-lo”.

O modelo aqui exposto para planejamento de conferências autogestionadas irá ajudá-lo nessa tarefa. Trata-se de um trabalho contínuo. Se você resolver usar este método, por favor entre em contato comigo (John Croft: jdcroft@yahoo.com) e fale sobre seus progressos. Para aperfeiçoar nosso conhecimento é necessário estarmos abertos a novos aprendizados.

A tradução para o português, revisão e divulgação deste e de outros textos de *Dragon Dreaming* é fruto de uma iniciativa colaborativa e voluntária que endossa a ética de Crescimento Pessoal, Formação de Comunidades e Serviço à Terra – encontramos em *Dragon Dreaming* contribuições significativas para as mudanças necessárias à nossa sociedade.

Se você deseja colaborar ou conhecer mais, acesse:

Dragon Dreaming Brasil – <http://www.dragondreamingbr.org>

Dragon Dreaming Brasil no Facebook – <https://www.facebook.com/groups/107192366047436/>

Dragon Dreaming International – <http://www.dragondreaming.org/en>